

A MORTE DO PALHAÇO

O público que chegou ao Circo-Tourada “Alhambra”, naquela tarde cinzenta e outonal de sábado, foi surpreendido com um aviso exposto na entrada: “*Hoje não haverá espetáculo devido ao repentino falecimento do palhaço Benevides.*” A inesperada ocorrência gerou muito falatório e controvertidas versões. Mas só uma delas sustentou-se, embora a direção do circo tentasse ocultá-la: o toureiro, cognominado Miguelito de La Torre, depois de se embriagar, apunhalara Benevides, por desconfiar que a sua mulher, a bela trapezista Kátya, o traía com o palhaço. Em seguida, evadira-se da cidade.

Mas nem todos os que trabalhavam no circo confirmavam o caso escuso. Sabia-se apenas que Miguelito nutria um ciúme doentio por Kátya. Outros palhaços, todavia, mais próximos de Benevides, tinham conhecimento de sua paixão velada pela trapezista. E que ela, às vezes, correspondia, lançando-lhe faiscentes olhares, que o atingiam como uma flecha no peito, segundo confidenciava aos mais íntimos.

Leve e ruiva, com formas esguias, seus longos cabelos cor de fogo esvoaçavam, enquanto realizava perigosas acrobacias e piruetas no trapézio, iluminada pela cruzada luz dos holofotes, o traje sumário realçando suas lípidas coxas. De perto, já no solo, gotículas de suor cintilavam na pele rósea, coberta de sardas, o azul dos olhos parecendo um lago.

Numa tarde, o marido surpreendeu Benevides fixado nos graciosos movimentos de Kátya, lá no alto, semelhante a uma alada bailarina. Miguelito – um homenzarrão de quase 1m e 90, apesar do diminutivo – engoliu em seco. Noutra ocasião a ira ciumenta do toureiro foi despertada pelo sorriso dela embevecendo Benevides, ao passar por ele após uma apresentação. Mais uma vez Miguelito conteve-se, para não perder as estribeiras perante os colegas e plateia. Quando a trovoada ruge e custa a cair, entretanto, é por que vem chuva grossa, apregoa um antigo adágio circense.

Chamavam Benevides de “o palhaço triste”, pois, mesmo com os saltos, cambalhotas e atos burlescos no picadeiro, junto aos companheiros bufões, sua máscara facial denotava melancolia, com a careca aderente, nariz postiço de papelão e os lábios pintados para baixo, em meia-lua, como criança fazendo beijo. Alguma coisa que lhe afetou a mente ficou no seu passado, comentavam. Mas da sua vida e trajetória Benevides nada contava.

O circo-tourada, com a lona corroída pelo tempo e pelas intempéries, instalou-se num terreno em frente ao estádio de futebol, tendo ao fundo as verdes ou azuladas (conforme o rumo dos ventos) águas da Baía Norte.

Apresentava atrações variadas, com malabaristas, equilibristas, trapezistas, comedores de fogo, além dos palhaços e de outras atrações, sob a animação de uma retumbante (e, às vezes, desafinada) orquestra. Mas não exibia animais selvagens. A função encerrava-se com a corrida de touros, quando o picadeiro transformava-se em arena “*destacando-se como principal atração o famoso toureiro espanhol Miguelito de La Torre*”, conforme anunciavam os cartazes espalhados pela cidade com antecedência e um carro de som que percorria as ruas. Para a decepção de espectadores mais sádicos, porém, os animais não eram sacrificados, pois o ritual obedecido seguia a tradição portuguesa.

O verdadeiro nome de Miguelito era, na realidade, Joaquim Miguel da Silva, nascido em Ponta Grossa, Paraná, segundo apurou a polícia. Mas pouco mais se descobriu a seu respeito, a não ser que havia sido homem de múltiplas atividades e de vida errante, temperamento que o levou aos mares e terras longínquas. De volta ao Brasil, tornou-se astro do “Alhambra”, após alardear a falsa denominação e não desapontou os responsáveis pelo circo ao enfrentar os touros. Vangloriava-se também de quase ter morrido em Sevilha, exibindo como prova e troféu uma ostensiva cicatriz à altura do fígado.

Tempos depois, enamorou-se de Kátya, filha do exímio trapezista húngaro Puskas, que a iniciara no *métier*. Casaram-se após alguns meses, pois o pai receava que Miguelito “fizesse mal” a atraente jovem de 22 anos e em seguida fugisse. Desde o início da união, Miguelito revelou a sua índole ciumenta. Várias vezes foram observadas marcas de violência na delicada pele de Kátya, motivando também muitas altercações entre o toureiro e Puskas.

Naquela sexta-feira, Miguelito começou a beber cachaça e cerveja no Topázio, um bar das imediações, a partir das 11 horas da manhã, de acordo com testemunhas. Lá ficou o dia todo, falando alto e contando vantagens com o seu engendrado sotaque portunhol. E criou confusão, desacatou fregueses, desafiando-os para briga (o que ninguém se arriscou devido ao seu avantajado porte) e espalhou diversas rodas.

Por volta das 21 horas, retornou às dependências do circo. E deparou-se com Benevides, passando por um canto escuro, próximo ao trailer onde o casal coabitava. Miguelito não contou tempo: num lance único puxou o cintilante punhal que trazia à cintura e desferiu a facada fatal, transpassando o coração do palhaço. Benevides tombou sem um gemido. Gritos, agitação, correria e o olhar aterrorizado da trapezista, ao ver o corpo inerte, marcaram a trágica noite. Miguelito já não foi encontrado.

No fim de semana, o local destinado à alegria e à diversão, foi invadido por um sombrio silêncio, só quebrado pelo farfalhar do vento sul na lona solitária.

Dias depois, numa fria madrugada, a caravana do Circo-Tourada “Alhambra” atravessou a ponte para nunca mais retornar à ilha-cidade.

(Do livro “Assassinato ao Luar”, Editora Insular, 2015.)

